

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Michael Sanderling direcção musical

20 Dez 2019 · 21:00 Sala Suggia

MÚSICA PARA O NATAL



casa da música

MECENAS CICLO SOGRAPE



MECENAS MÚSICA PARA O NATAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
REDES DE ESCOLAS
MÚSICA PARA TODOS

REMA
REDES DE ESCOLAS
MÚSICA PARA TODOS

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

Samuel Barber

Die Natali, Prelúdios corais para o Natal, op. 37 (1960; c.16min)

Engelbert Humperdinck

Suite da ópera *Hänsel und Gretel* (1891-92; c.32min)

(arranjo de Gerard Schwarz)

1. Prelúdio
2. O Passeio da Bruxa
3. A Casa de Gengibre
4. A Valsa da Bruxa
5. Sonho Pantomima

2ª PARTE

Camille Saint-Saëns

Sinfonia n.º 3 em Dó menor, op. 78, “Órgão” (1886; c.35min)

1. *Adagio – Allegro moderato – Poco adagio*
2. *Allegro moderato – Presto – Maestoso – Allegro*

Samuel Barber

WEST CHESTER (PENSILVÂNIA), 9 DE MARÇO DE 1910
NOVA IORQUE, 23 DE JANEIRO DE 1981

Die Natali, Prelúdios corais para o Natal

Samuel Barber foi um dos nomes maiores da música dos Estados Unidos da América no séc. XX, a par de Aaron Copland e Leonard Bernstein. Compôs a obra *Die Natali* (Prelúdios corais para o Natal) entre Julho e Setembro de 1960, na sequência de uma encomenda da Fundação de Música Koussevitzky. A encomenda, feita em 1954, destinava-se a assinalar os 75 anos da Orquestra Sinfónica de Boston, orquestra à qual o icónico maestro russo Sergei Koussevitzky esteve ligado entre 1924 e 1949. *Die Natali* foi estreada três dias antes do dia de Natal de 1960, a 22 de Dezembro, pela orquestra aniversariante dirigida pelo seu maestro titular da época, Charles Munch. Sergei Koussevitzky e a sua esposa Natalie são, naturalmente, os dedicatários da obra.

Em *Die Natalie*, Samuel Barber escolhe sete populares canções de Natal (“O Come, O Come Emanuel”, “Es ist ein Ros entsprungen”, “Three Kings of Orient”, “God Rest Ye Merry Gentlemen”, “Good King Wenceslas”, “Noite Feliz” e “Joy to the World”) e, utilizando técnicas de composição como o cânone, o cânone duplo, o cânone triplo, a aumentação, a diminuição e a alteração métrica, confere-lhes novas roupagens musicais. Um claro exemplo disso é o cânone triplo que Barber escreve no início da obra, onde o trompete interpreta a melodia da canção “O Come, O Come Emanuel”, o trombone toca a mesma melodia a um intervalo de 5.^a descendente começando-a um tempo mais tarde e as cordas, em *pizzicato*, tocam a mesma melodia do trompete com valores rítmicos aumentados. Barber

utiliza, ainda, combinações instrumentais pouco habituais que conferem um colorido peculiar à obra, como por exemplo a combinação de trompete, harpa e sinos na canção “Joy to the World”. A partitura de orquestra pede 2 flautas, piccolo, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarinete baixo, 2 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, timbales, percussão, harpa, celesta e cordas.

O compositor não ficou, no entanto, muito convencido com o início da peça. Quando, em 1979, o maestro Eugene Ormandy programou a execução de *Die Natali* com a Orquestra de Filadélfia, Barber escreveu-lhe para lhe dar conta das suas insatisfações: “Esta é uma obra que tem partes boas e más, e estou certo de que o maestro irá transformar as más em meu favor... O início, por exemplo, simplesmente não funciona. Eu queria harmónicos bem distantes nas cordas, como um eco, mas temo que seja uma péssima tonalidade para harmónicos. Talvez se o maestro utilizar apenas a surdina e esquecer os harmónicos o problema fique resolvido. Ou talvez o maestro tenha uma ideia melhor. O resto está bastante bem; gosto particularmente das variações sobre a ‘Noite Feliz.’”

A satisfação de Barber com as variações sobre a “Noite Feliz” levou-o a escrever e publicar o Prelúdio Coral sobre a “Noite Feliz” da obra *Die Natali*, para órgão, em 1960, “como uma encomenda a mim próprio”.

Engelbert Humperdinck

SIEGBURG (ALEMANHA), 1 DE SETEMBRO DE 1854

NEUSTRELITZ, 27 DE SETEMBRO DE 1921

Suite de *Hänsel und Gretel*

Engelbert Humperdinck destacou-se, sobretudo como professor de música. Embora tenha deixado um catálogo de composições vasto e variado que abarca diversos gêneros musicais, a única obra que lhe mereceu algum reconhecimento e que perdura até aos nossos dias nas salas de concerto é a ópera *Hänsel und Gretel*. Foi a irmã de Humperdinck, Adelheid, quem escreveu o libreto da ópera, uma adaptação do conto infantil que os Irmãos Grimm publicaram no início do séc. XIX. Engelbert Humperdinck trabalhou na partitura entre 1891 e 1892, e *Hänsel und Gretel* foi estreada no dia 23 de Dezembro de 1893, em Weimar. Richard Strauss, que considerou a ópera “uma obra-prima da mais elevada qualidade”, foi quem dirigiu a primeira audição mundial.

Hänsel und Gretel conta a história de dois irmãos, famintos e muito pobres, a quem a mãe manda ir à floresta apanhar amoras para o jantar. Para não se perderem, os irmãos vão deitando para o chão migalhas de pão, mas quando querem regressar a casa dão-se conta de que as migalhas foram comidas pelos pássaros. Perdidos na floresta, Hänsel e Gretel encontram uma casa de gengibre habitada por uma bruxa má que os prende e os quer comer. Os irmãos conseguem escapar à bruxa e fogem para a floresta até serem encontrados pelo pai que os leva de volta a casa, são e salvos.

Engelbert Humperdinck foi grande amigo de Richard Wagner; foi ele quem exerceu as funções de tutor do filho de Wagner, Siegfried.

A amizade entre os dois traduziu-se, também, numa notória influência musical do autor de *Lohengrin*. É bastante óbvia a presença de Wagner na música de *Hänsel und Gretel*, nomeadamente na textura densa, no dramatismo da escrita orquestral e no conceito wagneriano de *leitmotiv*, que consiste em criar um motivo musical para cada uma das personagens que as acompanha e que é citado sempre que elas aparecem e/ou intervem no enredo. Mas o autor de *Hänsel und Gretel* possuía também um grande domínio da melodia, e essa competência fica claramente demonstrada na música que ele escreveu para o conto dos Irmãos Grimm.

A Suite que vai ser interpretada no concerto de hoje, é composta por um conjunto de cinco trechos retirados da ópera: Prelúdio, O Passeio da Bruxa, A Casa de Gengibre, A Valsa da Bruxa e Sonho Pantomima.

Camille Saint-Saëns

PARIS, 9 DE OUTUBRO DE 1835

ARGEL, 16 DE DEZEMBRO DE 1921

Sinfonia n.º 3 em Dó menor, “Órgão”

A Sinfonia n.º 3, op. 78, de Camille Saint-Saëns, que preenche a segunda parte do concerto de hoje, foi uma encomenda da mais destacada sociedade de concertos londrina do séc. XIX, a Royal Philharmonic Society. A primeira audição mundial teve lugar na capital do Reino Unido, em St. James Hall, no dia 19 de Maio de 1886, cerca de um mês após a obra ter sido concluída. A interpretação esteve a cargo da orquestra da Royal Philharmonic Society sob a direcção do próprio compositor. No início do ano seguinte, a 9 de Janeiro, Saint-Saëns dirigiu a estreia da Sinfonia em Paris, no salão do

Conservatório, num concerto da Société des Concerts. Admirador convicto e confesso de Franz Liszt, dedicou a Sinfonia ao compositor e pianista húngaro (que viria a falecer de forma inesperada, em Bayreuth, em Julho de 1886, dois meses e meio após a estreia da obra).

A Sinfonia n.  3 ficou conhecida como Sinfonia “ rg o”, muito embora o órgão não desempenhe um papel especialmente relevante. Pelo contrário, é apenas mais um instrumento da orquestra, juntamente com 3 flautas, 1 flautim, 2 oboés, 1 corne inglês, 2 clarinetes, 1 clarinete baixo, 2 fagotes, 1 contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 2 trombones, 1 tuba, timbales, triângulo, pratos, bombo, piano e cordas.

Apesar de ter sido ordenada com o número três, esta foi a última de um total de cinco sinfonias que Saint-Sa ens comp s. Nela, adaptou a estrutura formal can nica – *Allegro*, *Andante*, *Scherzo* e *Finale* – dividindo-a em duas partes. É o próprio compositor, nas notas ao programa que escreveu quando a obra foi estreada em Londres, quem explica o ‘novo’ formato: “A sinfonia está dividida em duas partes. No entanto, está imbuída do princípio dos quatro andamentos tradicionais, mas o primeiro está alterado no desenvolvimento para servir de introdu o ao *poco adagio*, e o *scherzo* está conectado ao *finale* pelo mesmo processo.”

Estamos na presença de uma obra imponente, impactante, brilhantemente orquestrada, construída a partir de um tema cíclico, de marcado carácter dramático, sombrio e agitado, introduzido pelos violinos e pelas violas. A primeira parte da Sinfonia vai-se transformando paulatinamente até surgir o *Adagio*, de grande serenidade, aprazível e, em determinados momentos, de certa eloquência. O trecho finaliza com uma coda que,

pelas frases amplas, serenas e elevadas, cria um ambiente místico, puríssimo, quase de êxtase religioso.

A segunda parte da Sinfonia começa com uma tempestuosa transforma o do tema cíclico, abrindo caminho ao *Presto (scherzo)*. No Trio (sec o central da forma *scherzo*), o piano assume um papel protagonista desenhando frenéticos arpejos e escalas, enquanto a orquestra desenha umas figuras rítmicas de carácter sincopado. Este ambiente de júbilo é interrompido por uma frase descendente, cromática, de grande expressividade, protagonizada pelas cordas que faz regressar o *Allegro moderato* inicial. O *Allegro* encadeia-se com o *Presto*, mas Saint-Sa ens desenha um tema austero e solene nos trombones, tuba e contrabaixos. “Há uma luta pela excelência que termina com a derrota do elemento diabólico e inquieto”, escreve o compositor francês. Um poderoso e radiante acorde de d  maior anuncia o tema cíclico, completamente transformado, agora interpretado pelas cordas e pelo piano. Segue-se um desenvolvimento em forma de fuga e um tranquilo e pastoral episdio, antes de outra brilhante *coda* dar por concluída aquela que é unanimemente considerada a obra-prima da produ o sinf nica de Camille Saint-Sa ens. Logo após o retumbante êxito que a Sinfonia n.  3 teve em Paris, o compositor afirmou: “Dei tudo o que tinha para dar. O que eu fiz nunca mais conseguirei voltar a fazer!”

ANA MARIA LIBERAL, 2019

Michael Sanderling direção musical

Michael Sanderling foi o Maestro Titular da Orquestra Filarmónica de Dresden entre 2011 e 2019. Durante o seu mandato, a orquestra gravou as integrais das sinfonias de Beethoven e Chostakovitch para a Sony Classical.

Requisitado regularmente como Maestro Convidado, Michael Sanderling dirige nesta temporada a Orquestra do Concertgebouw (*Mysteriën* de Louis Andriessen e Sinfonia n.º 3 de Bruckner), a Orquestra de Paris (*Six Monologues of Jedermann* de Frank Martin com Matthias Goerne e *Sinfonia Dante* de Liszt), a Filarmónica de Berlim (Concerto n.º 2 para violoncelo de Haydn e Sinfonia n.º 7 de Chostakovitch), a Filarmónica de Helsínquia, a Sinfónica de Praga, a Orquestra Filarmónica da Rádio França, a Sinfónica de Lucerna (em digressão e em casa), a Filarmónica de São Petersburgo, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Sinfónica da Galiza, a Orquestra da Rádio NDR e a Filarmónica de Seul. É também frequentemente convidado para dirigir agrupamentos de renome como as Orquestras da Gewandhaus de Leipzig, da Tonhalle de Zurique e da Konzerthaus de Berlim, a Filarmónica de Munique, a Sinfónica de Toronto, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio e as Sinfónicas das Rádios WDR e SWR.

No domínio da ópera, dirigiu com sucesso *The Fall of the House of Usher* de Philip Glass em Potsdam e uma nova produção de *Guerra e Paz* de Sergei Prokofieff na Ópera de Colónia. Como violoncelista e como maestro, gravou em CD obras importantes de compositores como Dvořák, Schumann, Chostakovitch, Prokofieff e Tchaikovski. Em 2020, dirige a produção de *Hansel und Gretel* de Humperdinck na Ópera de Frankfurt.

Michael Sanderling tem especial interesse no trabalho com jovens músicos. Lecciona na Universidade de Música e Artes do Espectáculo de Frankfurt e trabalha regularmente com a Orquestra Nacional Alemã de Jovens, a Orquestra de Jovens Jerusalém Weimar, a Junge Deutsche Philharmonie e a Orquestra do Festival de Schleswig-Holstein. Entre 2003 e 2013, foi Maestro Titular da Deutsche Streichphilharmonie.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

Stefan Blunier maestro associado

Christian Zacharias maestro convidado
principal designado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair, Frank Peter Zimmermann ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Sir Harrison Birtwistle e Georg Friedrich Haas, a que se junta, em 2019, Jörg Widmann.

A Orquestra tem-se apresentado nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena,

Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

Astemporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CD monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de discos dedicados a obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2019, a Orquestra apresenta obras-chave do Novo Mundo – entre as quais *Amériques* de Edgard Varèse e a *Quarta Sinfonia* de Charles Ives –, a Integral das Sinfonias de Tchaikovski, as sonoridades revolucionárias de Ligeti e novas obras de Jörg Widmann, Pedro Amaral e Clotilde Rosa.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), que alcançou a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006 e adoptou a actual designação em 2010.

Violino I

Zofia Wóycicka
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Maria Kagan
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Tünde Hadadí
Vadim Feldblioum
José Despujols
Roumiana Badeva
Ianina Khmelik
Andras Burai
Alan Guimarães

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Karolina Andrzejczak*
Catarina Resende*
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Mateusz Stasto
Isabel Pereira*
Anna Gonera
Theo Ellegiers
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Luís Norberto Silva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Michal Kiska
Gisela Neves
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques
Eldevina Materula

Clarinete

Carlos Alves
Pedro Silva*
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Hugo Carneiro
Hugo Sousa*

Trompete

Ivan Crespo
José Almeida*
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Diogo Andrade*
André Conde*
Marcos Pereira*

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Sandro Andrade*

Harpa

Iliaria Vivan

Piano

Luís Filipe Sá*
Raquel Cunha*

Celesta

Raquel Cunha*

Órgão

Jonathan Ayerst*

*instrumentistas convidados

ASSINATURAS 2020

Escolha de entre 14 assinaturas disponíveis,
com descontos até 63%, e proporcione a amigos e
familiares um ano inteiro de concertos de excelência.

SINFÓNICA SÉRIE CLÁSSICA

SINFÓNICA FORA DE SÉRIE

SINFÓNICA SÉRIE FAMÍLIAS

SINFÓNICA TEMPORADA

SÉRIE DESCOBERTAS

REMIX ENSEMBLE

ORQUESTRA BARROCA

MÚSICA CORAL

INTEGRAL DAS SINFONIAS DE BEETHOVEN

CICLO PIANO FUNDAÇÃO EDP

O PIANO DE AIMARD

CARTÃO AMIGO + 25% DESCONTO

Pessoas especiais merecem presentes especiais.
Fazer com que o Natal dos seus dure todo o ano só depende de si.

BEETHOVEN – 250 ANOS

A celebração dos 250 anos de Ludwig van Beethoven percorre todo o mundo ao longo de 2020. É também uma das marcas da programação da Casa da Música ao longo do ano, homenageando um inovador no sentido mais puro do termo, um compositor que abarca todas as emoções humanas como nunca antes outro havia conseguido.

INTEGRAL DAS SINFONIAS DE BEETHOVEN

Uma assinatura que inclui o conjunto de sinfonias mais famoso de sempre mas, mais do que isso, coloca-as lado a lado com obras escritas recentemente sob a influência do compositor alemão. Com a direcção musical de maestros de renome internacional como Ryan Wigglesworth, Brad Lubman, Vassily Sinaisky, Olari Elts, Stefan Blunier, Pablo Rus Broseta e, claro, Baldur Brönnimann – além da estreia de Pedro Burmester como maestro –, a Orquestra Sinfónica promove uma viagem irrepetível pelo legado de um grande mestre.

MAIS BEETHOVEN

São quase 40 as obras de Beethoven apresentadas durante o ano de 2020 na Casa da Música. Além das nove sinfonias, não perca dois Concertos para piano e orquestra, a Integral das Sonatas para piano e violino em recitais de terça-feira ao fim da tarde, vários quartetos pelo Quarteto de Cordas de Matosinhos, música coral e muito mais.

SABER OUVIR: 11.º CURSO LIVRE DE HISTÓRIA DA MÚSICA

1.º Módulo – 13, 20 e 27 Janeiro

BEETHOVEN 250 ANOS

Em três sessões orientadas pelo musicólogo João Silva, conheça a fundo este compositor revolucionário, autor do célebre conjunto de nove sinfonias que marca a nossa civilização. Comece o Ano Beethoven com um mergulho na vida e na obra de um artista que mudou o curso da história da música, preparando-se para um ano cheio da música fabulosa criada pelo génio de Bona.

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

